

ASPECTOS DA SANTIDADE DE JOSEFINA BAKHITA: A PÉROLA NEGRA DA IGREJA CATÓLICA

Joselaine de Souza Oliveira¹
Elisângela Cristiane Rozendo²

RESUMO: O artigo apresenta um panorama biográfico de Josefina Bakhita e discorre sobre aspectos da santidade destacados nas hagiografias da santa, com ênfase para a obra Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito. Ancorando-se em Gajano (1999, 2020), Francisco (2018), a respeito da santidade e nas narrativas hagiográficas de Zanini (2014) e Dagnino (1995), busca-se com esse trabalho, ainda embrionário, disseminar e valorizar a literatura hagiológica na academia.

PALAVRAS-CHAVE: 1 Literatura hagiológica. 2 Santidade. 3 Santa Bakhita.

1- INTRODUÇÃO

Compreender a santidade está na origem das grandes questões da humanidade, visto que leva ao questionamento sobre a natureza da pessoa humana e da própria divindade. Tradicionalmente, têm se ocupado disso a filosofia e a teologia. No entanto, com a disciplina ciência das religiões, tem se ampliado a perspectiva da diversidade religiosa, ocorrendo assim, o envolvimento de outras áreas como a psicologia, a antropologia, a sociologia, a história, dentre outras.

Ainda que, comumente, o conceito de santidade esteja associado ao cristianismo, vale destacar que essa é uma realidade constante em inúmeras religiões da humanidade, como hinduísmo, budismo, judaísmo, islamismo, religiões indígenas e afro-brasileiras. Podemos perceber que:

Santidade é um termo polivalente: suas definições podem acentuar a dimensão teológica, histórico-religiosa, jurídica, antropológica, porém em todo caso evidenciam um denominador comum como atributo da divindade, também para aqueles que têm com ela uma relação privilegiada, de la cual derivam poderes de mediação e conciliação entre a esfera humana e a esfera divina (GAJANO, 2020, p. 19; tradução livre).

¹ Graduanda do Curso de Letras- Português- Licenciatura, da UFMS/CPCX (josinha.souza.29@gmail.com.)

² Professora Adjunta do Curso de Letras, UFMS/CPCX, orientadora do TCC, (elisangela.jose@ufms.br)

O entendimento de santidade no seio do mundo católico, posicionamento adotado neste trabalho, exorta os fiéis a buscar uma vida dedicada a Deus, marcada pela virtude e pela busca da perfeição moral e da atitude humana. No entendimento da historiadora Gajano:

A santidade pode ser definida como uma experiência religiosa que tende à aproximação ou união com o Divino, superando os limites da condição humana. A história das religiões oferece uma gama muito ampla de formas de ‘santificação’ e ‘edificação’, às quais são atribuídos poderes de mediação entre o homem e Deus, na dupla dimensão espiritual e material (GAJANO, 1999).

Aqui o conceito de santidade é compreendido como “o estilo de vida proposto a todo ser humano: o estilo de vida de Jesus [...], e os santos são aqueles que em suas vidas, em suas palavras, em sua prática, em seu anúncio e em sua decisão de assumir riscos em seu destino, se assemelham a Jesus” (Bingemer; Queiruga; Sobrino, 2013, p. 16, tradução livre, *apud* Dias, 2015).

O Concílio Vaticano II declarou que “[...] todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade, que é uma forma de santidade que promove, ainda na sociedade terrena, um nível de vida mais humano [...]” (LG, 40).

Trataremos neste artigo a respeito da santidade de Bakhita, uma sudanesa que, conseguindo escapar da escravidão se converteu ao cristianismo. Sua história de superação e fé a levou a se tornar uma freira canossiana e, eventualmente, uma santa da Igreja Católica. O caminho espiritual de Santa Bakhita também é uma jornada de autodescoberta e transformação. Sua experiência como escrava a fez compreender o valor da liberdade e da dignidade humana. Sua fé cristã a ajudou a perdoar aqueles que a haviam prejudicado e a encontrar um propósito maior em sua vida como serva de Deus.

Este estudo apresenta um panorama biográfico de Josefina Bakhita e discorre sobre alguns aspectos da santidade destacados nas hagiografias da santa, com enfoque para a obra Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito.

Para revelar o tema santidade nos valem da pesquisa bibliográfica, sobretudo à luz de documentos eclesiais tradicionais da religião católica, bem como de narrativas hagiográficas.

Busca-se com essa pesquisa, disseminar a figura da irmã canossiana, figura inscrita no álbum dos santos contemporâneos, e valorizar a literatura hagiológica³ na academia.

³ O termo hagiografia é de origem grega: (**hagios** – santo; **grafia** – escrita), também refere-se à disciplina ou ciência que se aplica à descrição, estudo e tratado sobre a vida dos santos, no cristianismo.

2- DO TRISTE DRAMA DA ESCRAVIDÃO À VIDA CONSAGRADA

Santa Bakhita foi uma mulher sudanesa que foi escravizada e submetida a inúmeras atrocidades durante sua infância e juventude. Nasceu por volta de 1869, no Sudão⁴, África e trazia consigo resquícios de muitas penas, visto que grande parte da história do Sudão é marcada por conflitos étnicos que ainda persistem no país.

A família de Bakhita morava no coração da África, num subúrbio de Darfur chamado Olgossa, e desfrutavam da felicidade mesmo vivendo uma vida simples no campo, cultivando plantações e cuidando do gado. Num certo dia rotineiro, quando a família se aprontava para mais um dia de trabalho no campo, a irmã mais velha sentiu-se mal e pediu para permanecer em casa com a irmã mais nova. Posteriormente, se evidenciou na cercania um tumulto significativo e o pensamento de todos se voltaram para os comerciantes de escravos que adentraram o país com a intenção de realizar sequestros, uma prática que assolou a região na época, em que muitas crianças eram sequestradas e vendidas como escravas. Rapidamente a família volta para casa e, entre o choque e a angústia, ouvem da irmã mais nova o relato completo do sequestro da irmã⁵ mais velha. Como revela a narrativa de Bakhita, “foi a minha primeira dor. E quantas ainda me haviam de acontecer” (ZANINI, 2014, p.16).

A incerteza pairava sobre quanto tempo se passaria até que a dor voltasse a assombrar aquela casa após o sequestro da irmã. Desta vez, no entanto, a vida de Bakhita tornou-se alvo das vicissitudes do destino. Foi sequestrada por traficantes de escravos quando tinha cerca de 9 anos de idade. Esta flor africana conheceu as humilhações, os sofrimentos físicos e morais da escravidão, sendo vendida e comprada várias vezes.

Seu nome árabe, que significa "afortunada", não recebeu de seus pais ao nascer, mas lhe fora imposto por seus raptos, pois o trauma vivido por Bakhita foi tão intenso a ponto de fazê-la esquecer seu próprio nome. Passando por diferentes donos durante sua juventude, experimentou muitas práticas cruéis, uma delas, a de marcar escravos como se fossem tatuagens e depois cobrir as feridas com sal era uma forma adicional de abuso e tortura que

⁴ Até 2011, o Sudão era o maior país da África e do Mundo árabe, quando o Sudão do Sul se separou em um país independente, após um referendo sobre a independência. O Sudão é hoje o terceiro maior país da África (após a Argélia e a República Democrática do Congo) e também o terceiro maior país do mundo árabe (depois da Argélia e Arábia Saudita). É considerado como o quarto país mais corrupto do mundo e também vivencia um estado alarmante de situação de fome, fazendo desta a quinta nação mais faminta do mundo.

⁵ Nenhuma informação foi obtida sobre o sequestro da irmã, cujo destino permanece ainda desconhecido.

Josefina Bakhita e muitos outros escravos tiveram que suportar durante o período em que foram escravizados; uma das muitas atrocidades que eram infligidas aos escravos como parte de sua subjugação, visando desumanizá-los e controlá-los ainda mais. Como atestou Josefina: “[...Posso mesmo dizer que não morri por um milagre do Senhor, que me destinava a coisas melhores...]” (ZANINI, 2014, p. 26).

Posteriormente, foi comprada por um agente consular italiano chamado Callisto Legnani, este que revelou-se extremamente benevolente. A responsabilidade dela consistia em auxiliar a camareira nas tarefas domésticas, e, para sua surpresa, não experimentava reprimendas, castigos ou qualquer tipo de sofrimento. Tão grande era a paz e tranquilidade que desfrutava que nem lhe parecia real. O processo de entrada de Bakhita no convento das irmãs canossianas⁶ ocorreu sob a influência de seu então proprietário Callisto que a presenteou a uma família amiga; quando essa família se mudou para Suakin, no Sudão, Bakhita foi confiada aos cuidados das irmãs que administravam um convento na cidade, e foi lá que Bakhita, gradualmente, começou a conhecer a fé cristã e o carisma da congregação. Antes disso, no entanto, indagava à madre superiora: “Será mesmo verdade, Madre? Poderei ser também eu filha do Senhor? Será que Ele vai me amar? Irá amar a mim, pobre negra que não tenho nada oferecer a ele?” (Zanini, 2014. p. 62).

O ponto decisivo nesse processo de encontro com o Cristo foi o de se converter ao cristianismo e receber o sacramento do batismo em 9 de janeiro de 1890, com o nome de Josefina Margaret Bakhita, ocasião na qual também foi crismada. Esse foi um marco significativo em sua vida, pois obteve os sacramentos da iniciação cristã, que fundamentam a vocação comum de todos os discípulos de Cristo, isto é, a vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo.

O Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito" (*"vitae spiritualis janua"*), a porta que dá acesso aos demais sacramentos. Pelo Batismo, somos libertos do pecado e regenerados como filho de Deus; nos tornamos membros de Cristo; somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão:" - O Batismo é o sacramento de regeneração mediante a água e a palavra. [...] é o mais belo dom de Deus. [...] Chamamo-lo de dom, graça, unção,

⁶ A Congregação das “Filhas da Caridade Canossianas” é uma congregação religiosa católica de origem italiana, que tem como fundadora Santa Madalena de Canossa. “Servas dos Pobres” como Madalena, são chamadas e habilitadas, por Carisma, a contemplar o Maior Amor: Cristo Crucificado e a comunicá-lo buscando somente a glória de Deus e a salvação de todos os homens, numa vida de Consagração, de comunhão e de humilde serviço na evangelização, na educação e na assistência a quem sofre. Atualmente, as Filhas da Caridade estão nos 5 continentes do mundo e em 7 cidades de 5 Estados do Brasil. (<https://jardimbakhita.com.br/index.php/congregacao/#:~:text=A%20Congrega%C3%A7%C3%A3o%20das%20%E2%80%9CFilhas%20da,fundadora%20Santa%20Madalena%20de%20Canossa.>).

iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo e de tudo o que há e existe de mais precioso. *Dom*, porque é conferido àqueles que nada trazem; *graça*, porque é dado até a culpados; *batismo*, porque o pecado é sepultado na água; *unção*, porque é sagrado e régio (tais são os que são ungidos); *iluminação*, porque é luz resplandecente; *veste*, porque cobre nossa vergonha; *banho*, porque lava; *selo*, porque nos guarda e é o sinal do senhorio de Deus.” (CAIC, p. 340, 341).

Depois de sua conversão, Josefina Bakhita sentiu o chamado para a vida religiosa e entrou para a congregação das Irmãs da Caridade, Canossianas, onde viveu uma vida de serviço, oração e devoção. “Um elemento essencial da espiritualidade canossiana é a boa vontade para fazer o que for necessário” (WALLACE, Susan Helen. p.74). Ela demonstrou grande amor e compaixão pelas pessoas que sofriam. A vida de Bakhita é um testemunho notável de perdão e compaixão, importa destacar a virtude mais importante da Madre:

Devemos destacar a valiosa virtude e o exemplo de Bakhita, que, em nenhuma ocasião demonstra sentimento de vingança, revanchismo ou rancor contra os ‘brancos’ que tanto a maltrataram e desprezaram, esquecendo que qualquer humano, independente de sua raça, cor, credo religioso, origem social etc, é digno e merece tratamento digno (Zanini, 2002, p. 38).

A vida de Bakhita denota uma história notável de superação, transformação e dedicação à fé e ao serviço aos outros; foi grande testemunha do Amor, uma mulher simples, humilde, de sorriso que ganhou o coração de todos os habitantes de Schio. As Irmãs a estimavam pela sua inalterável afabilidade, pela fineza da sua bondade e pelo seu profundo desejo de tornar Jesus conhecido. Irmã Bakhita faleceu no dia 8 de fevereiro de 1947, na Casa de Schio, rodeada pela comunidade em pranto e em oração.

Foi canonizada por João Paulo II em outubro do ano 2000. Afamada como a “Santa Irmã Morena, tão espiritualizada e com tanta força e luz em lutas contra adversidades quase fatais, com uma história que é exemplo para fiéis de qualquer lugar do continente, Bakhita recebeu o carinhoso apelido de “Nossa Irmã Universal”, dado pelo próprio João Paulo II, então Papa” (Comunidade Católica Shalom, 2023). Sua canonização aconteceu por conta do reconhecimento, pelo Vaticano, de um milagre de cura ocorrido em Santos, no Brasil em 1992. Eva Tobias da Costa solicitou a intercessão de Josephina Bakhita para sanar as suas feridas incuráveis, o que aconteceu de imediato.

3- CHAMADOS À SANTIDADE

“ Assim como é santo o Deus que os chamou, também vocês, tornem-se santos em todo comportamento ” (1 PEDRO, 1,15).

O convite à santidade: “sejam santos, porque Eu Sou Santo” (1 PEDRO, 1,16), é um tema que perpassa toda a história da Igreja e tem sido enfatizado por vários Papas e líderes religiosos ao longo dos séculos. Tal convite tem sua fundamentação bíblica, na qual Deus frequentemente exorta Seu povo a ser santo, como Ele é santo “ Diga a toda a comunidade dos filhos de Israel: Sejam santos, porque eu, Javé, o Deus de vocês sou santo”(Levítico 19,2). Jesus ensinou sobre a importância da santidade nas Bem-Aventuras:

Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os aflitos, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os que são misericordiosos, porque encontrarão misericórdia. Felizes os puros de coração porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu (Mateus 5,3-12).

O chamado à santidade é universal, que se estende a todas as pessoas, independentemente do seu estado de vida ou condição social. A doutrina da santidade na Igreja Católica está enraizada na compreensão de que os fiéis, por meio do batismo, são chamados a participar da vida divina. Essa participação permite que os fiéis cresçam em conformidade com a imagem de Cristo e busquem a santidade como parte integrante de sua jornada espiritual. Não obstante, há quem creia que a santidade seja exclusiva de sacerdotes, religiosos ou pessoas notáveis; todos os cristãos são convidados a buscar a santidade em suas vidas diárias, seja no trabalho, na família, escola no parque.

A história e definição de santidade articulou-se desde a antiguidade tardia em uma multiplicidade de figuras, incorporando novas formas de vida religiosa: o asceta, o monge, o padre e o bispo; os fundadores das novas ordens religiosas das idades medieval e moderna, os místicos e, finalmente, mesmo em tempos recentes, alguns casos excepcionais de santos leigos (A. Benvenuti, S. Boesch Gajano, S. Ditchfield, R. Rusconi, G. Zarri, Storia santità e culto dei santi nel cristianesimo occidentale, 2002, tradução livre).

Ao contrário da imagem idealizada de que algumas pessoas podem ter dos santos, a Igreja reconhece que eles eram seres humanos sujeitos a imperfeições e fraquezas. A abordagem da humanidade dos santos é um aspecto fascinante e, por vezes, esquecido quando se trata de figuras religiosas veneradas nas Igrejas Católicas ao redor do mundo. Muitas vezes, os santos são retratados como seres extraordinários e distantes, marcados por milagres e uma vida quase divina. No entanto, é importante lembrar que esses indivíduos foram seres humanos comuns, sujeitos às mesmas alegrias, dores e desafios que todos nós enfrentamos.

Todos nós somos verdadeiramente capazes, todos somos chamados a abrir-nos a essa amizade com Deus, a não largar suas mãos, a não nos cansarmos de voltar e retornar ao Senhor falando com Ele como se fala com um amigo, sabendo, com certeza, que o Senhor é o verdadeiro amigo de todos, também de todos aqueles que não são capazes de fazer por si mesmos coisas grandes (Ratzinger, 2002).

Santa Josefina Bakhita proferiu uma frase que ressoa com o chamado à santidade. Ela disse: "se eu pudesse encontrar aqueles negreiros que me raptaram e me feriram, eu me ajoelharia para beijar suas mãos, porque, se isso não tivesse acontecido, eu não seria uma cristã e religiosa hoje." (ZANINI, 2014, p.67). Essa afirmação expressa a profunda compreensão de Santa Bakhita sobre como as experiências mais dolorosas de sua vida foram transformadas pela graça divina, conduzindo-a ao caminho da santidade. A mensagem subjacente é a capacidade de encontrar redenção e santidade mesmo nos momentos mais obscuros e desafiadores da existência. "O caminho para a perfeição e a busca pela vida perfeita torna-se principalmente uma busca por lugares que possam garantir a obtenção dessa culminância. A relação entre a escolha religiosa e a escolha ambiental torna possível compreender a evolução da própria ideia de perfeição espiritual e reconstruir uma história de santidade que esteja atenta às dimensões espiritual e social." (Gajano e L. Scaraffia, 1990).

A humanidade dos santos está intrinsecamente ligada às suas histórias de vida. Eles experimentaram dúvidas, enfrentaram tentativas, lidaram com conflitos emocionais e tiveram que superar obstáculos pessoais. A jornada espiritual de um santo muitas vezes inclui momentos de escuridão e incerteza, nos quais eles podem questionar seu propósito ou enfrentar crises de fé. Esses aspectos humanos tornam os santos mais acessíveis e inspiradores para aqueles que buscam compreender e seguir seus ensinamentos. Essas experiências não os tornam menos humanos, mas, pelo contrário, ressaltam a capacidade humana de alcançar um nível mais elevado de consciência e espiritualidade. Muitos santos

dedicaram suas vidas ao serviço dos outros, demonstrando compaixão e solidariedade para com os menos afortunados. Essa dimensão humanitária destaca a conexão entre a santidade e a ação benevolente no mundo, mostrando que a busca pela santidade está ligada ao serviço desinteressado à humanidade.

Essas características humanas destacam a capacidade de superação e transformação espiritual, tornando os santos exemplos inspiradores para aqueles que buscam a santidade, pois, a maioria dos santos estava profundamente enraizada em suas culturas e contextos sociais. Eles não existiram em um pacote, mas participaram das realidades e desafios de suas épocas. Essa ligação com o mundo real ressalta a importância de abordar a santidade em um contexto cultural e social específico, na Exortação apostólica do Papa Francisco, *Gaudete Et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual diz: “Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir”(Francisco, 2018. p.10).

4- VIRTUDES HUMANAS: ELEMENTOS DE SANTIDADE

Certamente, podemos identificar alguns elementos que nos orientam ao longo do percurso em direção à santidade que, portanto, é um caminho dinâmico e multifacetado que abrange a graça de Deus, a transformação pessoal, a comunhão com a comunidade de fé e a busca constante da vontade divina. Cada elemento contribui para a formação de um caráter mais santificado e para a vivência de uma fé cristã autêntica, é um processo contínuo que se estende ao longo da vida. É caracterizada pela persistência na busca de uma maior semelhança com Cristo, mesmo diante dos desafios e fracassos vividos no mundo moderno onde buscar a santidade em nossos dias são complexos e variados, refletindo as mudanças sociais, tecnológicas e culturais que caracterizam a era contemporânea.

Compreendemos as virtudes humanas como “atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade, que regulam os nossos atos, ordenam as nossas paixões e guiam o nosso procedimento segundo a razão e a fé. Conferem facilidade, domínio e alegria para se levar uma vida moralmente boa” (CAC, 1804). Então é virtuoso aquele que livremente pratica o bem, como o fez Bakhita. Importa ressaltar uma postura bastante divulgada em hagiografias da religiosa, que ao dizer da possibilidade de encontrar

seus raptos e torturadores, se ajoelharia para beijar-lhes a mão, pois se não tivesse acontecido tudo isso, ela não teria se tornado cristã e religiosa (Dagnino 2000).

Observando que a doação refere-se ao ato de dar de si mesmo em serviço aos outros, em linha com o mandamento de Jesus de amar o próximo como a si mesmo. Isso pode incluir tempo dedicado, um recurso tão limitado em nossa vida. Às vezes, o que o outro precisa de nós é o presente da atenção, através da prática da escuta.

Papa Francisco em seu livro *Gaudete et exultate*, diz: “esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos.[...] em casa, o seu filho reclama a atenção dela para falar de suas fantasias e ela, embora cansada, senta-se ao seu lado e escuta com paciência e carinho”. A doação é vista como uma expressão tangível do amor cristão e um meio de imitar o exemplo de Jesus, que deu sua vida pela humanidade, esta doação da escuta, tão vital para o apoio espiritual e emocional, muitas vezes é negligenciada em meio ao tumulto da vida moderna.

O silêncio na espiritualidade cristã é muitas vezes associado à contemplação e à escuta atenta de Deus. O silêncio proporciona um espaço para reflexão, oração profunda e discernimento espiritual. Ele permite que os fiéis se conectem mais intimamente com Deus, afastando-se do ruído do mundo para buscar a presença divina. No mundo moderno, permeado por constantes estímulos e barulhos, o silêncio enfrenta desafios significativos que podem prejudicar nossa busca pela santidade. A incessante cacofonia da vida cotidiana, seja proveniente da tecnologia, da melhoria urbana ou das demandas profissionais, cria uma atmosfera ruidosa que dificulta a conexão profunda consigo mesmo e com o divino. Para além das distrações que o mundo nos impõe, o desafio de enganar nossa mente persiste, uma vez que a natureza intrinsecamente ativa da mente humana frequentemente gera um fluxo contínuo de pensamentos. Desenvolver a habilidade de aplacar essa torrente de pensamentos exige prática e paciência.

Na prática diária do silêncio encontramos a introspecção necessária para compreender nossas próprias jornadas espirituais. No entanto, a cultura moderna, centrada na velocidade e na distração constante, muitas vezes nos afasta desse espaço sagrado. A exposição constante a estímulos externos pode obscurecer a voz interior que busca a verdade e a santidade. Além disso, o silêncio desafia a superficialidade que caracteriza muitos aspectos da vida contemporânea. A busca pela santidade muitas vezes requer uma pausa para a reflexão profunda, uma desconexão temporária do ruído exterior para permitir que uma voz

interior se eleve e seja ouvida. A falta desse tempo de silêncio pode nos manter presos em uma espiral de distrações, impedindo o desenvolvimento espiritual genuíno.

O silêncio desempenha um papel significativo na vida dos santos, refletindo uma profunda conexão espiritual e uma busca interior pela presença divina. Para muitos santos, o silêncio não é apenas a ausência de som, mas sim um estado de quietude da mente e do coração, permitindo uma comunhão mais profunda com o sagrado. Os santos frequentemente buscavam o silêncio como uma forma de retirar-se do ruído do mundo e encontrar um espaço sagrado para a oração e reflexão. Esse retiro para o silêncio era uma prática comum entre muitos místicos e ascetas, que procuravam cultivar uma intimidade mais profunda com Deus.

Além disso, o silêncio na vida dos santos muitas vezes foi expresso através da prática da contemplação. A contemplação envolve uma atenção profunda e reflexiva, transcendendo as palavras e entrando em um estado de comunhão silenciosa com o divino. Santos como Teresa de Ávila e João da Cruz, por exemplo, eram conhecidos por suas experiências místicas e contemplativas, nas quais o silêncio desempenhava um papel crucial. Santa Teresa de Ávila, também conhecida como Santa Teresa de Jesus, foi uma mística e escritora espanhola do século XVI, suas obras representam preciosidades na literatura espanhola. Teresa foi a primeira mulher a ser canonizada, considerada santa pela igreja católica em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Seu silêncio contemplativo é uma característica marcante de sua vida e ensinamentos. Santa Teresa valorizava o silêncio como um meio de comunicação íntima com Deus. Ela buscava a quietude interior como uma forma de se conectar mais profundamente com a presença divina. Em seus escritos, Teresa frequentemente destacava a importância do silêncio na oração e na contemplação espiritual. Uma citação que ilustra a perspectiva de Teresa sobre o silêncio é: "No silêncio, Deus fala consigo mesmo e a alma escuta." Aqui, ela expressa a ideia de que o silêncio não é apenas a ausência de palavras, mas um espaço sagrado onde a alma pode se abrir para a voz de Deus. O silêncio contemplativo de Santa Teresa de Ávila não era um mero retiro do mundo, mas sim uma tradição profunda na presença divina, uma busca interior que a conduzia a uma compreensão mais rica da fé e da vida espiritual.

Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. Tudo pode ser recebido e integrado como parte da própria vida neste mundo, entrando a fazer parte do caminho de santificação. Somos chamados a viver a contemplação mesmo em meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão (Francisco, 2018, p.18).

Ao escolherem viver em silêncio, os santos muitas vezes transmitem a mensagem de que a verdadeira sabedoria e paz podem ser encontradas não nas palavras, mas na conexão silenciosa com o divino. Em suma, o silêncio desempenha um papel proeminente na vida dos santos, oferecendo um caminho para a contemplação, a busca interior, a renúncia e a comunhão com o divino.

O silêncio na vida de Bakhita se deve ao seu lugar de escrava, de subalterna, por sua origem africana e servil. Era prudente e reservada, mas falava sempre com convicção e franqueza às pessoas que poderiam ter ofendido a Deus, confrontando os pecadores e desafiando-os a refletir sobre suas faltas. E mais ainda há de se destacar que, apesar de sua docilidade de caráter, ergueu-se decididamente contra “as aliciantes promessas de uma vida mais fácil e na sua pátria, quando isso podia comprometer a sua fé católica” (Dagnino, 1995, p.67). Ainda, na esteira dos escritos de Dagnino:

Aquela que se considerava como escrava, uma coisa de propriedade dos seus patrões, quando foi colocada diante da alternativa de escolher um bem imediato e já conhecido, não hesitou em optar pelo desconhecido, mas para ela, existencialmente mais seguro. Sabia unir à ternura do seu coração e à mansidão de natureza um discernimento claro e uma inabalável força de vontade (Idem, 1995, p. 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bakhita é a certeza de que um dia o Senhor nos libertará.

(Cardeal Bernardin Gantin, Benin)

A canonização de Bakhita, uma mulher escrava capturada na África que chegou à fonte batismal em Veneza, tem forte representação social não somente para o âmbito católico, mas principalmente tem relevância histórico- cultural, visto que a temática da escravidão e preconceito ainda não está encerrada na sociedade contemporânea. Portanto, “a história de Bakhita continua absolutamente atual. Naquelas regiões, a captura de negros africanos não-muçulmanos (sobretudo jovens mulheres e crianças) prosseguiu com altos e baixos por todo o século XX por obras de tribos islâmicas africanas e de vários exércitos regulares” (Zanini, 2002, p. 40).

Na ocasião da canonização buscou-se exaltar não só a África mas a atribuição da mulher cristã negra na ação catequética e missionária da Igreja. De acordo com a narrativa de Zanini (2002), a santa representa: “ Para a África, Bakhita é a esperança de libertação. Para a relação com o mundo muçulmano, uma ponte do diálogo. Para a raça negra, um sinal do resgate da plena dignidade. Para todos os homens e mulheres, uma santa, isto é, uma irmã e um modelo na caminhada rumo a um mundo novo”.

Pode-se entender também, a partir de vários discursos de reparação proferidos pelo Papa João Paulo II, que por meio da Irmã Bakhita, os cristãos africanos de hoje podem reconciliar-se com seu passado traumático de guerras e escravidão.

A história de Bakhita, na verdade, é um portal que acessa a um processo histórico importante para a elaboração de estatutos e códigos de indigenato na África, que é a da tutela sobre os ex-escravos, em especial das mulheres africanas salvas do cativeiro no século XIX até o final da Segunda Guerra Mundial (Schermann, 2006, p. 150).

Há muito a ser desvelado sob a ótica da História e da Literatura Hagiográfica. Como dito no início deste artigo, trata-se ainda de um estudo incipiente, mas que busca deixar a inquietação em seus leitores e sobretudo desta pesquisadora.

As hagiografias de Bahita são unânimes em destacar as virtudes principais da santa: a fé, caridade, esperança, humildade, castidade, fraternidade e obediência. Que saibamos admirar e praticar as virtudes dessa e de outros santos.

Para finalizar, destacamos uma passagem da declaração do papa João Paulo II, proferida diante de cristãos e autoridades do Sudão, na qual destaca o significado da vida de Josefina Bakhita para a Igreja:

Em nosso tempo, quando a corrida desenfreada pelo poder, pelo dinheiro e pelo prazer produz tanta desconfiança, violência e solidão, Bakhita nos é doada pelo Senhor como ‘Irmã Universal’ para que nos revele o segredo da felicidade mais verdadeira: as bem-aventuranças (Zanini, 2014. p.53).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A memorável canonização de Santa Teresa de Jesus em 1622. Artigo disponível em: <https://carmelitas.org.br/a-memoravel-canonizacao-de-santa-teresa-de-jesus-em-1622/>.

Acesso em: 24 de nov. 2023

BAKHITA; ZANINE. Paulus 2014, 1º edição (esse aqui creio que seja o do Coração que martelava no peito) ele está mais abaixo citado

Benvenuti, A; GAJANO, S. B. S. Ditchfield, R. Rusconi, G. Zarri, Storia santità e culto dei santi nel cristo occidentale, 2002

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria,141.ed. São Paulo: Editora AveMaria,1959, (impressão 2001). 1632p.

Catecismo da Igreja Católica.Texto típico latin, LIBRERIA EDITRICE VATICANA, Città del Vaticano, 1997. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, edições Loyola 2022.

Comunidade Católica Shalom. Santa Josefina Bakhita, uma verdadeira conversão se traduz em obras. 07 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://comshalom.org/santa-bakhita-a-verdadeira-conversao-se-traduz-em-obras/>. Acesso em 28 nov 2023.

CONCÍLIO VATICANO II . Const. Dogm. Lumen gentium; n.40. Lembramos que a LG data de 21 de novembro de 1964.

DIAS, Julio Cesar Tavares. O culto aos santos: algumas notas para entendimento. Revista Diversidade Religiosa, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/30237147/O_CULTO_AOS_SANTOS_ALGUMAS_NOTAS_PARA_ENTENDIMENTO_SAINTS_WORSHIPPING_SOME_NOTES_FOR_AN_UNDERSTANDING. Acesso em: 27 nov 2023.

FRANCISCO. Papa, **GAUDETE ET EXSULTATE**, sobre o chamado à santidade no mundo atual, Paulus,2018. 1º edição

GAJANO. Sofia Boesch, La Santità, 1999.

BOESCH-GAJANO, S. La santidad como paradigma histórico. **Anuario de Historia de la Iglesia**, v. 29, p. 19-52, 13 may 2020. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/anuario-de-historia-iglesia/article/view/39862>. Acesso em 18 out 2023.

Luoghi Sacri e Spazi Della. Santità, editado por S. Boesch Gajano e L. Scaraffia, 1990

RATZINGER, Joseph. Deixar Deus trabalhar. Artigo publicado em L'Osservatore Romano, por ocasião da canonização de Josémaria Escrivá, 6 de outubro de 2002.

Santa Bakhita do Sudão/ Susan Helen Wallace; [tradução Cristina Paixão Lopes] - São Paulo: Paulinas, 2008. 1º edição.

Santa Teresa D'Avila. Artigo disponível em: <https://carmelitasdescalcos.com.br/santa-teresa-davila/> Acesso em: 24. nov. 2023

SCHERMANN, Patrícia Santos. **Santas e dóceis ou insubmissas e desgraçadas?: Uma análise de trajetórias de mulheres resgatadas da escravidão na África central no contexto colonial (1870-1945).** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19038>. Acesso em 18 out 2023.

ZANINI, Robert Ítalo. **Bakhita: inchiesta su uma santa per il 2000.** Trad. Thereza Cristina Stummer. **Mulher negra, escrava, santa: uma fascinante história de liberdade.** Vargem Grande Paulista- SP: Cidade Nova, 2002.l

ZANINI, Roberto Ítalo. Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito, diário de uma escrava. Paulus: 2014, 1º edição.